

O PROCESSO DE FORMULAÇÃO DE REGISTROS DE CONHECIMENTO E AS DIFICULDADES DA DESCRIÇÃO DOCUMENTAL

SOUSA, Aryelli Sterphani Costa de ¹
SANTOS, Thais Helen do Nascimento²

Resumo: Esta pesquisa se propõe a analisar as dificuldades de constituição da descrição documental como representação da informação, desde a produção dos registros de conhecimento à recuperação desta informação. Não procuramos dar soluções imediatas, tão pouco propor regras, mas devido à descrição documental ser imprescindível para os centros de documentação, arquivos, bibliotecas e etc., procuramos formular uma conscientização da responsabilidade da constituição da descrição documental. Ressaltamos a sua importância de desenvolver métodos para cada vez mais minimizar os erros da descrição, facilitando assim o acesso à informação. Remetemo-nos ao processo pelo qual surge o registro de conhecimento, ao processo de recuperação dessas informações, e analisamos as dificuldades ocorridas na etapa de armazenamento nos centros de documentação, arquivos, bibliotecas e etc., para fins de recuperação da informação. Essas dificuldades revelaram algumas soluções para seus problemas como: a linguagem clara e objetiva e a interpretação profunda dos documentos. Como fundamentação, teórica baseamo-nos na teoria cognitiva e em conceitos como ontologia e hermenêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Ontologia. Representação da Informação. Epistemologia.

THE PROCESS OF FORMULATION OF REGISTRATIONS OF KNOWLEDGE AND THE DIFFICULTIES OF THE DOCUMENTAL DESCRIPTION

Abstract: This research intends to analyze the difficulties of constitution of the documental description as representation of the information, from the production of the knowledge registrations to the recovery of this information. We didn't try to give immediate solutions, so a little to propose rules, but due to the documental description to be indispensable for the documentation centers, archive, libraries and etc., we tried to formulate an understanding of the responsibility of the constitution of the documental description. We pointed out your importance of developing methods for more and more to minimize the mistakes of the description, facilitating like this the access to the information. We sent ourselves to the process for which the knowledge registration appears, to the process of recovery of those information, and we analyzed the difficulties happened in the storage stage in the documentation centers, files, libraries and etc., for ends of recovery of the information. Those difficulties revealed some solutions for your problems as: the clear and objective language and the deep interpretation of the documents. As theoretical foundations we based on the cognitive theory and in concepts as ontology and hermeneutics.

WORD-KEY: Archive. Ontology. Representation of the Information. Epistemology.

¹ Discente de Arquivologia (UEPB). E-mail: aryelliarg@hotmail.com

² Discente de Arquivologia (UEPB). E-mail: thaishelen.uepb@gmail.com

1. DESCRIÇÃO DOCUMENTAL: ASPECTOS GERAIS

O alicerce de um arquivo, centro de documentação, biblioteca, etc., é deixar a disposição às informações contidas nos seus acervos para quem as necessitem. Por isso a importância da descrição documental, pois esta garante a compreensão ampla do conteúdo de um acervo, possibilitando tanto o conhecimento como a localização dos documentos que os integram; sendo então os arquivos munidos de instrumentos de pesquisa que facilitam a recuperação das informações, proporcionando assim uma boa e satisfatória pesquisa.

Sabendo da importância da descrição documental vamos analisar a sua constituição como representação da informação inerente nestas várias dificuldades de formulação.

A necessidade da representação se dá pelo fato do homem recuperar informações imprescindíveis para seu desenvolvimento, sendo a representação da informação um processo que passa por etapas como a produção dos registros de documentos, na organização dos sistemas de informações documentais e no acesso destas informações pelo usuário. Neste trabalho vamos observar a cognição como base na produção dos registros de conhecimento, e como os filósofos Descartes, Locke e Kant analisavam essa área do conhecimento; a constituição da representação nas etapas de representação primária e a ontologia, a representação secundária e a epistemologia; a formação de conceitos base para a produção do conhecimento e as dificuldades na descrição e como minimiza-las.

2. A COGNIÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DOS FILÓSOFOS

Analisando a cognição vemos a sua significação no dicionário Aurélio: 1. ato de conhecer; 2. conhecimento, percepção. A interligação com a representação que é “ato de colocar algo no lugar de”, e este ato só será efetivado a partir do conhecimento do ser observado, por isso a total influência da cognição, sendo esta inerente ao conhecimento humano interfere na representação da informação desde a constituição do que vai ser representado à armazenagem e recuperação da informação.

Não é recente a preocupação com essa área do conhecimento, pois desde a era Clássica com os gregos que vemos tais indagações (relacionadas à cognição). De acordo com “Capurro, os seres humanos são conhecedores e observadores da realidade externa. O processo de conhecimento consistiria na assimilação de coisas por meio de suas representações na mente/cérebro do sujeito cognoscente” (Capurro apud ALVARENGA, 2003). Por isso vamos observar as contribuições de importantes filósofos; sabendo que a cognição está mais presente na representação primária onde inclui nesta etapa a percepção, identificação, ou seja, a produção do objeto a ser representado. Descartes analisa a mente como fundamental para existência humana, basicamente confiável:

(...) a mente fica separada do corpo humano e opera independentemente dele, é uma espécie de entidade totalmente diferente. O corpo é mais bem concebido como um autônomo que pode ser comparado às máquinas feitas pelo homem. Ele é divisível em partes, e elementos poderiam ser removidos sem alterar nada de essencial (GARDNER, 2003, p.65).

Descartes estava consciente de que a postulação de duas entidades distintas – uma mente racional e um corpo mecânico – tornava implausível qualquer explicação de sua interação. Descartes como Platão adotou o pólo racionalista (característica do conhecimento inato ao ser), por isso foi severamente criticado pelos empiristas Locke, Berkeley, Hume, entre outros.

Observando as formulações de Descartes, vemos que são as premissas para o pensamento hoje existente, são paradigmas já ultrapassados, pois já não respondiam as necessidades das épocas seguintes, mas são considerados clássicos, pois estas obras são as bases de análise para a constituição dos pensamentos contemporâneos.

Locke começou questionando se podemos aceitar qualquer conhecimento com base na evidência introspectiva, em lugar disto, ele via a experiência como a única fonte confiável de conhecimento. Ele acusou a crença em idéias inatas de ser inútil e enganadora (defendida por Platão e Descartes). “O conhecimento da existência de qualquer outra coisa nós só podemos ter pela sensação”.(séc.

XVII), declarou ele. Locke questiona o pensamento de Descartes, pois está em uma era que predominava o empirismo e na visão do conhecimento inato do homem defendido por Descartes, esta não era de confiança, pois tudo seria provado através do mundo tangível e material, ou seja, da experiência.

Kant ao final o século XVIII encontrava-se diante de alternativas rivais: uma delas defendida pelos empiristas britânicos, via o pensamento como um mero instrumento para refletir ou elaborar a experiência mundana; a outra, sustentada por Descartes, Leibniz e outros da tradição continental, salientavam a competência universal do pensamento como organizador e revelador de todas as possibilidades.

Em sua obra *Crítica da Razão Pura*, Kant procurou sintetizar estes pontos de vista: racionalista e empirista. No que foi provavelmente o passo crucial deste processo, Kant teve de entender o que permite à mente apreender a experiência da forma de que ela o faz, e produzir conhecimento necessário. Ao analisar o que ele chamou de sintético *apriori*, Kant teve que mostrar como o conhecimento começa com a experiência (não sendo, portanto puramente posteriori) e, no entanto não se originou ou provém dela.

Observando esses grandes filósofos vemos que as suas contribuições foram totalmente relevantes para a ciência cognitiva; mas sabemos que nenhum ser humano tem a verdade absoluta e sabemos também que por se tratar de ciência, suas formulações, paradigmas e etc. podem ser discutidas e se tornarem inaceitáveis para a comunidade científica ao decorrer do tempo.

Remetendo-se à análise da cognição, vimos que ela é a porta de entrada para as indagações sobre o mundo.

3. O CONCEITO

Conceito é a unidade de conhecimento referente ao ser percebido, componente essencial do conhecimento a ser representado (ALVARENGA, 2003).

O interagir com o meio no qual o sujeito se encontra inserido geram-se necessidades de produção e formulações de conceitos que será baseado em associações de diferenças e similitudes, dois exemplos bem claros: a seda é macia e o pêlo do gato também; a pedra é áspera, não parece com a seda e nem com o pêlo do gato.

A percepção, classificação e criação de conhecimentos sobre os seres constituem-se em prerrogativas essenciais da racionalidade humana, identificando-se nesse trajeto processos cognitivos básicos, tais como o levantamento das características do ser percebido e a comparação entre estas e as identificadas nos seres já conhecidos, caracterizando-se essas ocorrências com processos classificatório-cognitivos. Os registros que materializavam os conhecimentos vêm sendo gravados, utilizando-se da enorme gama de suportes físicos que se tornaram disponíveis, ao longo da evolução cultural do homem que se estende dos desenhos encontrados nas cavernas aos registros digitais dos nossos dias.

O conceito é a forma que o profissional da informação encontrou para denominar termos com o intuito de categorizar o conteúdo informacional de um acervo documental.

Entendendo conceitos como “unidades do conhecimento identificados através de enunciados verdadeiros sobre um item de referência, representados por um termo ou palavras. Sendo uma representação mental que nos permite categorizar objetos” podemos entender a sua importância para a descrição documental, pois os conceitos vão dar o suporte para a sistematização dos conteúdos informacionais de qualquer acervo.

Por isso sua imprescindível importância para a recuperação da informação, pois vai ser ele que dará o suporte necessário para representações adequadas das informações contidas nos documentos, ou seja, são eles as chaves de entrada de um acervo documental.

3.1. ONTOLOGIA

Os seres em que nos debruçamos a analisar, a formar conceitos, os expostos ao processo de conhecimento, ou seja, os seres sobre o qual nos indagamos, pensamos e refletimos, sobre os quais formamos conceitos, integram a essência do campo filosófico da ontologia.

Ontologia: universo de todos os seres concretos e abstratos existentes. Esse processo se dá na interação com os objetos adjacentes e os metafísicos por meio da representação no nosso cérebro, a codificação do exposto.

Destaca-se como uma instância do processo cognitivo humano aquela que culmina com a representação primária do conhecimento, situando no âmbito do registro do pensamento em que suporte documental, incluindo as etapas de percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação, etapas que são envolvidas no ato de se conhecer um novo ser ou coisa, ou aprofundar-se

no conhecimento de um ser ou uma coisa já conhecida, utilizando-se dos sentidos, da emoção, da razão e da linguagem. Os seres expostos ao processo de conhecimento, ou seja, os seres sobre os quais se pensa, sobre os quais se enuncia e sobre os quais se constrói um conceito, integram a essência de um campo que os filósofos denominam de *ontologia*: universo de todos os seres concretos e abstratos existentes (ALVARENGA, 2003).

A ontologia está relacionada no momento de análise e compreensão do mundo, nossas inquietações para descobrirmos respostas para nossas indagações é que vai nos levar a entender por meio de estudos sistemáticos dos objetos que nos cerca, e o que nos leva a fazer tudo isso é a nossa racionalidade. Por isso a preocupação de entender como todo esse processo de observação e entendimento do mundo que funciona e que se pauta a ontologia, sendo essa o ramo da filosofia que vai dar explicações a tais mecanismos de compreensão.

Interligando a ontologia nos processos informacionais, detectamos-na no momento das indagações que serão motivadores da procura de resposta e no momento que as informações forem descobertas serão materializadas em documentos, ou seja, registros de conhecimento, sendo estes os objetos da descrição documental.

3.2. EPISTEMOLOGIA

O processo de produção dos registros de conhecimento compreende a etapa de representação do objeto, gerando-se em decorrência um produto final que é o conhecimento do objeto. A sistematização do conhecimento do objeto denomina-se epistemologia, sendo esta tradicionalmente considerada o ramo da filosofia devotado ao estudo dos processos do conhecimento humano, sua lógica, origens e princípios.

No processo de tratamento ou processamento dos registros de conhecimentos para fins de armazenagem nos sistemas de informação, é requerido um novo estágio de representação, desta vez partindo-se não do ser ontológico em si, mas do conhecimento sobre o ser expresso em documentos, esta seria uma representação secundária. Nesse sentido, a representação secundária teria por objeto prioritário não o acervo ontológico, das coisas e seres existentes, mas o acervo do conhecimento sobre essas coisas e seres, objetos da epistemologia. Neste estágio a representação da informação será a representação do conhecimento, deste modo vemos que a representação secundária, prática essencial nos sistemas de informações documentais é a definição sucinta sobre os conceitos dos

registros primários, escolhendo pontos de acesso fundamentais que garantem a recuperação segura da informação (ALVARENGA, 2003).

A sistematização do conhecimento produzido por observações com o intuito de encontrar respostas sobre o mundo engloba a epistemologia, ou seja, compreender o conhecimento humano é imprescindível para a descrição documental, pois no momento de construção de catálogos, guias, inventários, etc., envolve a interpretação do documento original a ser incluído no sistema de recuperação da informação, sua descrição como um objeto, sua origem e condensação de seu conteúdo a partir dos conceitos neles contidos, procurando contemplar de forma mais perfeita possível a sua essência conceitual. Esses instrumentos de pesquisa são a chave de entrada do acervo documental, por isso a necessidade de elaborar métodos para a otimização do acesso a informação.

A epistemologia vai se pautar no entendimento e compreensão dos registros documentais, facilitando assim uma descrição documental consistente e eficaz.

3.3. ASSOCIANDO A ONTOLOGIA E A EPISTEMOLOGIA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Observando a ontologia constatamos que o processo que lhe dá suporte é a construção de um conhecimento a partir de uma observação metódica do mundo, ela é uma análise, uma indagação, uma reflexão sobre o ser observado, materializando todo esse processo em um suporte configurado, assim um registro de conhecimento. A construção de documentos, como livros, artigos, periódicos, etc. passa pelo campo ontológico do saber, pois temos consciência que para construirmos qualquer registro de conhecimento, seja ele dos mais simples, como uma carta ou até mesmo os mais complexos, como um livro, temos que saber o que queremos com tais construções e com responder as nossas indagações, pois para qualquer pesquisa se desenvolver e concretizar precisa começar por uma pergunta e, a procura das repostas engloba o campo da ontologia.

Já a epistemologia é a sistematização do produzido pelo campo ontológico, ou seja, a epistemologia pauta-se na compreensão dos registros de conhecimento, ela busca contemplar a essência do documento abordando sua lógica, origens e princípios.

A epistemologia estuda os registros de conhecimento com o objetivo de compreender amplamente todas as suas interfaces, por isso esse campo é de total importância para uma descrição documental, que garante perceber todo o conhecimento que está registrado para que possa

sistematizá-lo no que chamamos de representação secundária, que tem como objetivo abordar o documento em sua essência conceitual, pois vai ser a partir da compreensão dos documentos que vão ser construídos termos para representar o conteúdo informacional, com um propósito primordial de recuperar tais informações que constitui o acervo documental.

3.4. A FORMULAÇÃO DO NÍVEL PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O nível primário da representação é realizado pelos autores no momento da busca de resultados para seus pensamentos e indagações, estes derivados de observações metódicas da natureza e dos fatos sociais, utilizando-se das linguagens disponíveis no contexto da produção e comunicação de conhecimentos. Após a materialização dessas observações constituindo assim o documento, estes vão ser incluídos em acervos documentais, e para que isso aconteça temos que representa-los com o intuito de integrá-los nas etapas de produção, desenvolvimento, manutenção e recuperação da informação, buscando sempre o acesso rápido e eficaz das informações que se incluem em acervos documentais, este é o nível secundário da representação da informação, o momento de construir representações como termos com o intuito de recuperar os registros informacionais.

A representação compreende em ambos os casos um processo cognitivo, a representação primária como a secundária culminam em transcrever em dado suporte um registro de conhecimento, para isso se efetivar necessita-se da percepção, identificação, interpretação, reflexão como a codificação, utilizando de sentidos como a emoção e a razão e da linguagem clara e objetiva.

Na representação primária, os produtos finais são constituídos de conceitos sobre os seres, formando o conhecimento, conceitos mais ou menos intensamente detalhados, codificados através de uma linguagem simbólica. Na representação secundária, prática essencial nos sistemas de informações documentais, esses mesmos conceitos constantes dos registros primários são sucintamente identificados em seus elementos constitutivos fundamentais que garantem as representações dos documentos para fins de futura recuperação (ALVARENGA, 2003).

4. DUAS DAS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO (SRI): A INTERPRETAÇÃO E A LINGUAGEM

Uma das grandes dificuldades que vem sendo ressaltada nos processos de recepção e tratamento do conhecimento, para fins de preservação e acesso, constitui-se no fato de que as tentativas de se classificar seres, coisas e textos que sobre esses são produzidos, revestem-se a priori sem conhecimento de causa da constatação de que as coisas e os conhecimentos que lhe são correspondentes não se reduzem ao que deles podem ser visto explicitamente. As coisas e conhecimento poderão vir a ser devidamente compreendidos a partir da atitude filosófica de compreender, que segundo Paul Ricoeur, significa o ato da interpretação criadora do sentido. A esse problema acresce-se a situação delicada e complexa de intermediação em que se colocam os profissionais da informação como mediadores entre esta e seus usuários (ALVARENGA, 2003).

Conseguimos perceber que o profissional da informação comprometido com a sua ética tem como primordial objetivo analisar o documento de uma forma que venha a extrair representações como termos que deixem todas as informações que contenham no acervo para quem necessite, pois este profissional tem um compromisso direto com as pessoas que precisam dessas informações. Nesse processo de comunicação amplo, estabelecido entre os homens em suas tentativas de compreensão e descrição do universo, a qual a mediação da linguagem ocupa papel primordial (ALVARENGA, 2003).

A linguagem estabelece formas de comunicação entre os indivíduos e vai ser ela que está presente em todo processo de representação simbólica.

Algumas regras permeiam a linguagem como objetivo/meio da recuperação da informação como ela ser objetiva, direta, sem duplos sentidos, ou seja, os termos utilizados para a recuperação da informação precisam ser estritamente monossêmicos.

Assim sendo, percebemos que o profissional que trata da informação precisa analisar a fundo os documentos, não podendo classificá-los superficialmente por títulos ou tópicos, tendo este um compromisso direto com as pessoas que necessitam desta informação.

5. A HERMENÊUTICA COMO CONTRIBUIÇÃO

O termo hermenêutica provém do verbo grego *hermêneucin* e significa declarar, anunciar, interpretar, esclarecer e por último traduzir. Significa que alguma coisa é tornada compreensível ou levada à compreensão.

Filosoficamente tem-se que o termo deriva do nome Hermes, que na mitologia grega é um deus. O certo é que esse termo originalmente exprimia a compreensão e a exposição de uma sentença “dos deuses”, a qual precisa de uma interpretação para ser compreendida corretamente.

Outros dizem que o termo hermenêutica deriva do grego *ermêneutike* que significa: ciência técnica que tem por objetivo a interpretação de textos religiosos e/ou filosóficos, especialmente das sagradas escrituras, sendo esta área do conhecimento que interpreta o sentido das palavras dos textos; teoria, ciência voltada à interpretação dos signos de seu valor simbólico.

A preocupação de compreender os textos não é recente, vemos que desde a Antigüidade isto vem se perpetuando. Não diferente vemos na contemporaneidade essa necessidade principalmente no que se refere aos profissionais da informação.

Sendo a hermenêutica a arte da compreensão, a filosofia de interpretar, de apreender o conhecimento analisado, percebemos esta como uma das soluções para a descrição documental; conscientizando os profissionais da informação a não se limitar com títulos, tópicos e subtópicos, e sim procurar a essência documental, compreendendo ao máximo seus conteúdos, para assim minimizar as dificuldades da descrição documental.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo o que foi exposto já foram dadas para minimizar as dificuldades da descrição: como a interpretação e a análise profunda dos documentos, contemplando sempre a essência conceitual dos registros de conhecimento, e como profissionais da informação saber extrair os assuntos relevantes que estão contidos nos documentos.

É importante abordar a responsabilidade do profissional que trata com a informação, pois os seus comprometimentos são vários e imprescindíveis para a sociedade, citando aqui o comprometimento ontológico de focar certos assuntos em detrimento de outros. Sendo a representação da informação um raciocínio sobre o mundo, com seus aspectos de estruturação, dizendo respeito à identidade projetada que deve haver correspondência específica entre o substituto e seu referente planejado no

mundo e a segunda a fidelidade, mas sabemos que o homem é um ser subjetivo e é impossível representar a realidade sem distorções, mas tentando chegar ao mínimo possível dessas. Com isso vemos que a representação da informação é uma aproximação imperfeita da realidade que quando selecionamos uma representação, estamos tomando decisões de como ver e o que ver do mundo, esse compromisso determina o que pode ser visto em detrimento do que poderia ser visto, sendo um efeito colateral e focalizador, já que a complexidade do mundo é bastante ampla.

Para finalizar esse trabalho, queremos enfatizar a importância do arquivista, não sendo ele um mero técnico mais sim um cientista comprometido com a história e a memória de nações; o mesmo define o que deve perpetuar pelos tempos e o que deve ser esquecido, por isso esse profissional deve estar muito bem preparado conhecendo assim várias correntes ideológicas, tendo a compreensão de saberes imprescindíveis como a sociologia, filosofia, antropologia, história, entre outros.

7. REFERÊNCIAS

- ♦ ALVARENGA, Lídia. **Representação do conhecimento da perspectiva a ciência da informação em tempo e espaços digitais**, Florianópolis, Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., 2003, p. 23.
- ♦ BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**, 2º ed, Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- ♦ GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**, 3º ed, São Paulo, Edusp, 2003, p. 456.
- ♦ LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**, Como fazer vol. 6, São Paulo, Arquivo do estado/Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 60.
- ♦ NAVES, Madalena Martins Lopes. **Curso de indexação: princípios e técnicas de indexação, com vistas à recuperação da informação**, Belo Horizonte, UFMG – Biblioteca Universitária, 2004, p. 23.
- ♦ Pesquisa na web. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermen%C3%AAutica>, acessado no dia 29 de outubro de 2007.